

ÍNDICE

Prefácio à Edição Portuguesa	13
Prefácio à Edição Francesa.....	19
Prólogo – O Véu	31
1 – Aprender com as nossas Visões.....	33
2 – Rever os nossos Conceitos.....	35
3 – O <i>Maestro</i>	37
4 – A Iniciação: Morte e Ressurreição.....	43
5 – O Acesso ao Conhecimento: A Purificação	47
6 – Os Ícaros: Que Plantas são estas que Cantam na nossa Cabeça?	55
7 – A Dieta das Plantas: Os <i>Palos</i>	65
8 – O Segredo	77
9 – As Origens	83
10 – O Lado Sombrio.....	89
11 – O Mariri: A Força do Homem-Medicina	97
12 – A Kushma: Conhecimento e Protecção	101
13 – Os Perfumes: Florescer a Pessoa	107
14 – A Serpente e o Jaguar	113
15 – O Tabaco: O Sócio do Patrão	121
16 – A Cura: Dar Espaço ao Corpo.....	129
17 – A Transmissão: Os «Artistas da Metamorfose»	139

18 – Interdições e Restrições	145
19 – Entre Xamãs.....	149
20 – Usos Tradicionais e Usos Actuais: «El Gringo».....	153
21 – Advertências	161
Epílogo – Salvo das Águas.....	173
<i>Post-Scriptum</i>	175
As Plantas e os seus Usos	177
Glossário	183
Bibliografia.....	185
Agradecimentos.....	189

PREFÁCIO À EDIÇÃO FRANCESA¹

Ao longo dos últimos 15 anos, aproximadamente, o xamanismo amazónico e a utilização de ayahuasca despertaram um enorme interesse por todo o mundo. Este facto encorajou um número crescente de pessoas – provenientes da classe média urbana europeia, norte e sul americana, e, na realidade, de quase todo o planeta – a viajar até à Amazónia, motivadas por uma busca espiritual, simples curiosidade ou um desejo de procurar a cura para os seus males, onde a medicina convencional não se revelou eficiente. Em alguns aspectos, esta onda de viajantes faz lembrar as hordas de jovens buscadores que afluíram à Índia na década de 1970.

Esta demanda abriu um novo capítulo na história da abertura do espírito ocidental às tradições “exóticas” (ou seja, orientais, indígenas e esotéricas variadas), uma história que obviamente é remota, dado que o fascínio pelas filosofias e religiões asiáticas e pela sabedoria indígena entre alguns círculos de intelectuais ocidentais existe há séculos. Este impulso cresceu consideravelmente e atingiu um público mais vasto a partir da década de 1960. A explosão da experimentação com drogas psicadélicas, que reinou nesse período, naturalmente fez com que muitos jovens se interessassem por essas culturas indígenas que tinham

¹ Este prefácio é uma versão ligeiramente aumentada do que escrevi para a edição francesa original em Janeiro de 2015.



uma longa história no uso de plantas visionárias. O nascimento de um amplo movimento ecológico, as lutas anti-coloniais e uma sede crescente por ensinamentos espirituais mais viscerais e holísticos, todos contribuíram para uma vaga de interesse nas cosmovisões e práticas dos “primeiros povos”, sendo que muitos deles, paradoxalmente, se encontravam ameaçados de extinção cultural ou, no mínimo, enfrentavam profundas crises, à medida que a modernidade e os piores aspectos da globalização econômica se acercavam das suas terras ancestrais.

E, contudo, apesar deste crescente interesse global nas crenças e técnicas espirituais indígenas, o xamanismo amazônico permaneceu, até aos anos 1980, amplamente desconhecido para além da Bacia Amazônica, excepto em pequenos círculos de antropólogos e etnobotânicos mais aventureiros. Dito isto, as práticas indígenas amazônicas de cura xamânica já se tinham expandido para além dos grupos nativos em comunidades mestiças na região desde o início do séc. XX e pelo menos três igrejas sincréticas brasileiras – cujos fundadores tinham sido expostos à utilização de ayahuasca enquanto trabalhavam na selva e para quem essa planta é um sacramento fundamental – foram fundadas muito antes dos anos 1980.

Todas estas novas religiões, legalmente reconhecidas pelo governo brasileiro, prosperam hoje em dia. As duas maiores, o Santo Daime – fundado na década de 1930 – e a União do Vegetal (UDV) – fundada em 1961 –, propagaram-se a nível internacional, abrindo novas congregações em diversos locais do “Norte global”. Também o extraordinário e muito influente professor de botânica em Harvard, Richard Evans Schultes, tinha feito uma extensa investigação e viajado sozinho na Amazônia profunda durante os anos 1940, e William Burroughs e Allen Ginsberg tinham-se ambos aventurado pela região em busca de experiências com ayahuasca nos anos 1950 (com terríveis resultados). O antropólogo Michael Harner tinha realizado uma pesquisa mais séria sobre as tradições xamânicas da região nos anos 1960 e, lentamente ao início, outros investigadores, exploradores e viajantes começaram a gotejar até à Amazônia e a publicar





Prólogo

O VÉU

– Se queres realmente ver, deves ir para além das tuas visões; mesmo que sejam belas, deves ir ver mais longe – dizia na minha mente a planta alucinogénia que acabava de beber.

– As alucinações visuais são como um véu – precisou...

Antes de acrescentar:

– Deves pedir ao xamã para levantar o véu.

Foi o que fiz no dia seguinte. Guillermo, o xamã, toma nota e responde-me algo do género:

– *Sí, bueno*, às vezes é necessário.

Estávamos em 2007, no Peru, no espaço de Guillermo Arevalo, um curandeiro tradicional da etnia Shipibo que, nos arredores de Iquitos, tinha um centro chamado *Espíritu de Anaconda* – Espírito da Anaconda. Que nome interessante para um centro dedicado às artes xamânicas amazónicas, dizemos a nós próprios quando lá chegamos...

Na cerimónia seguinte, ele coloca-se à minha frente, como o faz com cada participante, para entoar o canto que lhe parece ser o melhor para mim. Após ter cantando, apalpa-me levemente o rosto, em particular os olhos, sopra fumo de tabaco sob a minha cabeça e passa ao próximo.

Depois de se afastar, vejo diante de mim, no sítio onde ele estava, uma espécie de insectos, quatro ou cinco pequenos insectos ovóides, de cor azul-clara fluorescente, a mexer-se. Como tinha



ouvido dizer que temos de ser proactivos com as nossas visões, juntei-os e, de repente, transformaram-se numa grande cabeça de anaconda vermelha incandescente. Que me olha fixamente.

Guillermo tinha levantado o véu, e foi então que percebi que o nome do seu centro, *Espíritu de Anaconda*, não era apenas um belo nome e que o xamanismo amazónico era algo para ser levado a sério.



OS ÍCAROS: QUE PLANTAS SÃO ESTAS QUE CANTAM NA NOSSA CABEÇA?

Chamados de *ícaros*²³, os cantos são a base da medicina amazônica. Tudo acontece através deles e sem eles nada se faz. São a ligação entre todos os seres e concretizam o casamento da alma humana com os espíritos da natureza. Aí se exprime uma vontade pelo amor, reforçando o trabalho das plantas que são dadas aos pacientes.

Através do canto, o xamã invoca e evoca – no sentido mágico do termo – os seus espíritos aliados, ou seja, fá-los aparecer. A evocação pode ir muito além disso, até ao ponto de provocar na pessoa tratada uma experiência de metamorfose em árvore, em serpente, em papagaio, em jaguar... Visualmente, intimamente e com plena consciência, transformamo-nos então numa outra espécie. A experiência pode ser aterradora, pelo menos na primeira vez, ou dolorosa. Requer uma supervisão próxima da parte do xamã ou dos seus aprendizes para evitar que a pessoa se magoe, por exemplo, ao gesticular.

Foi assim que em 2008, tomado por uma necessidade imperiosa de ir às latrinas, quando tinha acabado de acender um maço e o meu corpo explodia com a potência da medicina, pedi a Brunswick para me acompanhar. Ao fim de alguns metros, perdi a consciência e caí no soalho da maloca na posição fetal. Quando

²³ *Ícaro*: Do quechua *icarai*, «soprar».



voltei a mim, assobiava ligeiramente as seis primeiras notas de uma melodia desconhecida, enquanto discernia à minha volta um recinto ovóide esbranquiçado e escamas verde fluorescente...

Eu era uma pequena serpente encarquilhada no seu ovo, continuando a assobiar estas seis notas vindas de algures, enquanto Brunswick regava a minha testa com água perfumada. Após um instante de eternidade, consegui finalmente desenrolar-me, rastejando ao luar e cantarolando este misterioso ícaro que não me largava. A embriaguez e a necessidade de defecar tinham completamente desaparecido, o caos tinha-se estruturado, com a energia cristalizada numa visão de uma limpidez excepcional e de um poder simbólico que só mais tarde pude avaliar. Devo dizer que demorei um certo tempo até voltar a tomar posse do meu corpo humano, abanando-me e apalpando-o para ver se ainda funcionava normalmente. Brunswick, por sua vez, supervisionava tudo isto, deitado na sua rede.

Este renascimento iniciático no ovo da serpente marca o verdadeiro começo do meu percurso xamânico. Acabou por descobrir-se que as seis notas em questão marcam o início de um canto de Juan Flores nas línguas shipibo e ashaninka. Trata-se de um ícaro muito complexo e poderoso que remonta ao séc. XVIII, segundo Juan, e que combina os poderes totémicos dos dois povos, a serpente e o jaguar, respectivamente. Certamente, já tinha ouvido este ícaro em cerimónias anteriores, mas não lhe tinha prestado a devida atenção, então dediquei-me de imediato a integrá-lo no meu repertório.

Durante as sessões seguintes, cada vez que Juan o cantava, sentia a minha coluna vertebral ondular de uma forma totalmente despropositada, impossível em circunstâncias normais, como que movida por vontade própria. Os meus membros cobriam-se de escamas, o meu olfacto tornava-se cada vez mais apurado... A experiência pode ser reproduzida e podemos até tomar-lhe o gosto.

A força destes cantos, desmultiplicada pela da ayahuasca e das outras plantas tomadas, é fenomenal. O poder do xamã mede-se pela quantidade dos seus espíritos aliados e dos cantos que a eles estão ligados. Um *icarero legitimo* é aquele que conhece

